

NOTAS SOBRE LARA DE LEMOS E SEU LIVRO *INVENTÁRIO DO MEDO* (1997)

Sorrana Nikely Rodrigues de Souza¹
João Claudio Arendt²

Resumo: Este artigo procura apontar de que modo, na obra *Inventário do medo* (1997), Lara de Lemos recupera experiências traumáticas que, pessoais, estendem-se a toda uma geração. Após uma revisão sintética da fortuna crítica, a obra será lida a partir, sobretudo, das considerações de Hans Robert Jauss no clássico texto “A história da literatura como provocação à teoria literária” (1970). A pesquisa justifica-se no sentido de colaborar com a preservação da memória dos horrores da ditadura civil-militar que assolou o Brasil no período de 1964 a 1985, de modo a tentar evitar que se repitam e tentar se contrapor ao negacionismo e ao elogio da barbárie no Brasil recente. Apesar de sua relevância, a poesia de Lara de Lemos ainda é pouco conhecida, e esta pesquisa deseja diminuir tal lacuna de nossa crítica literária.

Palavras-chave: Lara de Lemos. *Inventário do medo*. Testemunho. Ditadura. Repressão.

NOTES ON LARA DE LEMOS AND HER BOOK INVENTORY OF FEAR (1997)

Abstract: This article seeks to point out how, in the work *Inventory of Fear* (1997), Lara de Lemos recovers personal traumatic experiences, extend to an entire generation. After a synthetic review of critical fortune, the work will be read based mainly on Hans Robert Jauss considerations of classic text: ‘The history of literature as a challenge to literary theory’ (1970). The research is justified by the sense of collaborating with preservation of memory of horrors of civil-military dictatorship that devastated Brazil from 1964 to 1985, in order to try to prevent them from being repeated and to try to oppose the denialism and praise of barbarism in recent Brazil. Despite its relevance, Lara de Lemos’ poetry is still little known, and this research aims to reduce this gap in our literary criticism.

Keywords: Lara de Lemos; *Fear Inventory*. Testimony. Dictatorship. Repression.

1 Mestranda em Letras (Universidade Federal do Espírito Santo, UFES) Email: sorrananikelyrodrigues@gmail.com Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1050950505604369>

2 Doutorado em Linguística e Letras (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS) Email: jcaarendt@ucs.br Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4108580744111952>

Considerações iniciais

A ditadura civil-militar (1964-1985) instaurou no Brasil um regime de censura e repressão que ainda hoje reverbera na memória coletiva. Como aponta Kátia Bezerra (2004), após o fim do regime, consolidou-se uma política de esquecimento que silenciou vítimas e apagou vozes dissidentes. Márcio Seligmann-Silva (2010) reforça essa ideia ao afirmar que a transição democrática “foi engasgada”, pois a anistia e a permanência de figuras do regime no poder impediram a elaboração do trauma. Assim, o país permanece, como diz Bernardo Kucinski, acometido por um “mal de Alzheimer nacional”. A persistência desse apagamento é notória em episódios recentes, como a exaltação de torturadores e a relativização de crimes da ditadura em discursos políticos contemporâneos. Tais manifestações demonstram que o autoritarismo não foi totalmente superado, mas transformado em retórica pública, reforçando a necessidade de revisitar criticamente o passado.

É nesse contexto que se insere a importância da memória como prática de resistência, sobretudo no campo da literatura produzida por mulheres. Segundo Daniela Neu e Inara Rodrigues (2007), no artigo “História e sociedade na lírica de Lara de Lemos”, a obra *Inventário do medo* (1997) surge como exemplo dessa resistência feminina à opressão política e patriarcal. Ao transformar sua experiência de perseguição e encarceramento em poesia, Lara não apenas testemunha os horrores da ditadura, mas também reinscreve a voz da mulher no espaço público da memória nacional. Resgatar sua escrita é, portanto, um gesto político que reafirma o papel das mulheres na construção de uma memória coletiva crítica, capaz de confrontar tanto o esquecimento quanto o autoritarismo que ainda ameaçam a democracia brasileira.

Sobre Lara de Lemos

A trajetória literária de Lara de Lemos evidencia a interseção entre vivência pessoal, contexto histórico e engajamento político. Desde a infância marcada pela perda dos pais, a autora encontrou na escrita um meio de expressão e resistência, transformando a dor em criação (PAVANI, 2009). Durante a ditadura civil-militar, seu compromisso ético e poético intensificou-se: participou do Comitê de Resistência Democrática dos Intelectuais e foi presa duas vezes, junto com o marido e os filhos. Essas experiências traumáticas tornaram-se matéria poética em *Inventário do medo* (1997) e *Para um rei surdo* (1973), obras que denunciam a repressão e o silenciamento das vozes dissonantes, sobretudo femininas. Assim, sua produção ultrapassa o âmbito pessoal e assume um caráter testemunhal e político, reafirmando o poder da poesia como instrumento de memória e contestação.

Essa dimensão de resistência feminina torna-se ainda mais significativa quando se considera o contexto literário do Rio Grande do Sul, marcado historicamente por uma tradição patriarcal e maniqueísta. Conforme Neu e Rodrigues (2007), a literatura sul-rio-grandense consolidou-se sob uma ótica masculina, na qual as mulheres foram relegadas ao silêncio, reflexo de uma sociedade que as confinou ao espaço doméstico. A escrita de Lara de Lemos, em contrapartida, representa uma ruptura com essa herança: ao ocupar um espaço literário historicamente negado às mulheres, ela redefine o lugar do sujeito feminino na arte e na história. Sua lírica, como observa Zilberman (1985, p.83), manifesta um “anseio de mudança da sociedade e concretização de ideais igualitários e justos”, o que torna sua obra não apenas um gesto estético, mas também político, um testemunho que se manifesta contra o esquecimento e reafirma o papel das mulheres na reconstrução da memória coletiva brasileira.

Sobre a obra *Inventário do medo*

Inventário do medo, como sugere o título do livro, faz um levantamento daquilo que resta, findada a experiência do medo deflagrada pela própria constituição do regime ditatorial (Ferraz; Filho, 2023, p. 101). Publicado em 1997, por meio dele, Lara de Lemos reconstrói o fio da memória, sob o prisma estético. Trata-se do livro mais decididamente disposto a tirar do esquecimento episódios da história política brasileira, conforme propõe Volnyr Santos no livro *Lara de Lemos: antologia poética* (2002). A obra está dividida em blocos que tematizam circunstâncias históricas e pessoais, sendo: “I - Invasão a domicílio”, em que se dá o conhecimento do fato político e as distorções que daí advêm; “II - Tempo de Inquisição”, que tematiza os interrogatórios de caráter humilhante; “III – Celas”, que indica flagrantes que envolvem as pessoas encarceradas; e, por fim, “IV – Reminiscências”, que retoma os envolvimento políticos nacionais e internacionais. A primeira parte possui apenas três poemas que denunciam a ação repressiva e revelam o choque da invasão repentina do domicílio, bem como a sensação de impotência diante daqueles que privam os “suspeitos” da liberdade. O poema abaixo evidencia o fato:

De súbito é o susto
estampado no rosto
refletido no espelho
parado na garganta.

Invasores transitam
pelo quarto
desrespeitam o sono
em furor incontido.

Colocam algemas
em pulsos inocentes.
Contra palavras – há muros
contra lamentos, murros.

Levam jovens na mira
de fuzis reluzentes. (Lemos, 1997, p. 211)

O poema descreve o susto inicial da invasão de domicílio, que ocorria devido à interferência do Estado na vida dos indivíduos durante o período da ditadura militar no Brasil. Essa violência era justificada em nome da preservação da ordem, o que resultou na violação brutal dos direitos humanos, incluindo a privacidade e a autodefesa. A referência aos “invasores” no poema denuncia a injustiça e a brutalidade cometidas pelo Estado, explicitando as práticas opressivas do período. A repetição das vozes fechadas no poema reforça a atmosfera de opressão. Em relação à análise contextual, temos a negação oficial da tortura pelo governo, justificada como um meio de combater a corrupção e a subversão, refletindo uma tentativa de legitimar a violência estatal em prol da manutenção da ordem. Além disso, violência não é apenas física, mas também psicológica: “refletido no espelho parado na garganta” sugere o susto e a incapacidade de reagir frente ao terror imposto. Os “muros contra palavras – contra lamentos, murros” indicam a censura e a repressão da expressão, mostrando que a opressão atinge tanto a ação quanto a fala. Assim, o poema é construído em versos curtos e fragmentados, que intensificam a sensação de urgência e ruptura. O ritmo abrupto cria uma leitura tensa, como se o poema refletisse o próprio choque e a surpresa da experiência poetizada. As imagens visuais e auditivas, como “estampado no rosto”, “furor incontido”, “fuzis reluzentes”, tornam o horror concreto, permitindo que o leitor sinta a violência de forma imediata.

Na segunda parte do livro *Inventário do medo*, intitulada “Tempo de Inquisição”, o bloco é iniciado com a epígrafe “Essas coisas verdadeiras podem não ser verossímeis”, extraído de *Memórias do cárcere*, de Graciliano Ramos. Tal escolha antecipa a proposta da seção: evidenciar que a realidade vivida foi tão absurda, brutal e incoerente, que ultrapassa os limites do que a ficção é capaz de representar. Afinal, como ex-

pressar o irrepresentável em meio a um projeto de tortura que implica a negação do sujeito? Os títulos dos poemas funcionam como um roteiro das experiências dos prisioneiros. O poema “Da investigação”, por exemplo, aborda os interrogatórios e estabelece uma comparação entre o período ditatorial e os tempos da Inquisição. Assim, além de o prefácio sugerir o rumo da seção, o próprio título “Tempos de Inquisição” orienta a leitura dessa parte da obra.

Essa seção, portanto, estabelece um paralelo entre a repressão exercida pela Inquisição medieval e a violência institucional da ditadura civil-militar brasileira. Assim como os hereges eram perseguidos por desafiar a autoridade e proporem formas alternativas de vida social (Federici, 2004), os indivíduos sob o regime autoritário brasileiro foram submetidos à vigilância, à censura e à punição por confrontarem o poder do Estado. Lara de Lemos, por meio de sua poesia, ressalta não apenas o controle opressor, mas igualmente a resistência e a preservação da memória como formas de enfrentamento às estruturas de poder, refletindo sobre a persistência da violência institucional e sobre os mecanismos de dominação que atravessam diferentes contextos históricos, e revelando novamente a impotência do acusado perante as acusações recebidas, conforme se lê a seguir:

Às perguntas repetidas,
hipóteses formuladas,
o acusado deve sempre
responder com clareza.

Ao inquiridor cabe agir
com firmeza.

Pode inclinar-se à paciência
desde que o investigado
saiba que está à mercê
de traçados, peias, celas,

onde aguardará
sentença.

Caso insista o acusado

em negar crimes funestos

é praxe instigar-lhe o medo. (Lemos, 1997, p. 213)

O poema apresenta uma estrutura que imita o tom burocrático e impessoal de um manual de procedimento, uma espécie de “guia” para interrogatórios. A voz enunciativa não se coloca como vítima nem como algoz, mas assume um tom institucional, que traduz a naturalização da violência durante os regimes autoritários. Esse recurso cria um efeito de ironia trágica: o poema expõe a barbárie justamente ao reproduzir a sua linguagem. A abertura — “Às perguntas repetidas, / hipóteses formuladas, / o acusado deve sempre / responder com clareza” — representa a lógica do inquérito policial ou militar, em que o acusado é reduzido a objeto de investigação. No segundo bloco, os versos “Ao inquiridor cabe agir / com firmeza” reforçam a assimetria entre o interrogador e o interrogado, representando a máquina autoritária que dita regras e expectativas de submissão. A palavra “firmeza” assume duplo sentido: tanto o da “segurança institucional” quanto o da “violência legitimada”. Em seguida, o poema sugere um espaço de aparente humanidade — “Pode inclinar-se à paciência” —, mas imediatamente o desmente: “desde que o investigado / saiba que está à mercê / de traçados, peias, celas”. A paciência, assim, é apenas estratégica, e o domínio do poder permanece absoluto. Termos como “peias” (correntes, amarras) e “celas” remetem concretamente ao cárcere e à tortura, materializando o medo como condição corporal e psicológica. No desfecho, a sentença “Caso insista o acusado / em negar crimes funestos / é praxe instigar-lhe o medo” escancara o mecanismo repressivo. O termo “praxe”, de uso técnico e administrativo, é particularmente cruel: a tortura é naturalizada como procedimento de rotina. O poema, desse modo, denuncia o modo como o discurso jurídico e burocrático encobre o terror.

Em “Celas”, há 24 poemas, nos quais a autora fala sobre sua experiência na prisão. Ao

escolher o período de sua vida em que esteve encarcerada como tema principal, Lara de Lemos revela uma experiência profundamente íntima ao público. Há mais do que uma tentativa de se libertar do sofrimento por meio da expressão artística; existe, também, a intenção clara de denunciar atos impunes. Isso é sugerido no poema “Celas - 4”:

Perco-me num mar de cinzas

Tropeço à toa
no coração
sem asas.

Peço que o vento divulgue
este descaso de pedra
este silêncio de muro
esta tristeza de grades. (Lemos, 1997, p. 216)

O poema apresenta uma estrutura simétrica, dividida em pequenos versos com poucas palavras. Essa disposição dos versos cria uma sensação de quebra e interrupção, refletindo a desordem e a falta de continuidade na vida do eu lírico. A ausência de pontuação ao longo do poema contribui para a fluidez e cria um fluxo de pensamento contínuo e conectado, mesmo com a quebra dos versos. No que diz respeito ao conteúdo, o poema sugere a ideia de perda, desamparo e ausência de liberdade. A metáfora do “mar de cinzas” evoca um sentimento de morte ou desolação, enquanto a referência ao coração sem asas sugere uma incapacidade de voar ou escapar. A solicitação ao vento para divulgar o “descaso de pedra, o silêncio de muro e a tristeza de notas” mostra a busca do eu lírico por libertação e por expor a dureza e a opressão que o cercam.

Na parte final, “Reminiscências”, a poeta amplia as reflexões sobre a ditadura para além das fronteiras do Brasil, reafirmando que essa memória, compartilhada por outros países do mundo, não pode ser esquecida. Nesses últimos

poemas, a autora compõe versos que a conectam ao percurso de figuras que almejavam uma sociedade mais justa, mas que foram afetadas pela opressão das ditaduras em diversas partes do mundo. Entre eles, estão García Lorca, Anne Frank e Che Guevara. Destaca-se, especialmente, o comovente poema “Indagações a uma menina”, dedicado a Anne Frank:

Como saber da menina,
sua vida, sua sorte, sua certeza
de que a foice seria suprimida
e chegaria um tempo de ternura?

Bergen-Belsen
foi sua sepultura. (p. 57)

No trecho, a poeta demonstra sua indignação a respeito do que aconteceu a Anne Frank e apresenta um questionamento sem resposta. Anne Frank expressava seus sonhos, esperanças e anseios por um futuro melhor em um diário. Ela acreditava na ideia de um mundo mais compreensivo e justo, simbolizado na frase “a foice seria suprimida” do poema, representando a interrupção da opressão ou da ameaça sobre suas vidas. No entanto, o último verso “Bergen-Belsen foi sua sepultura” ecoa o trágico destino de Anne Frank, que morreu no campo de concentração de Bergen-Belsen.

Em sua totalidade, *Inventário do medo* (1997) revela-se como um testemunho literário importante, já que utiliza a poesia tanto como meio de preservar a memória, quanto como uma forma de denunciar as injustiças e os horrores da ditadura militar. A obra transcende a narrativa pessoal e se conecta a um panorama mais amplo de lutas e sofrimentos vivenciados durante um período crucial da história do Brasil e da América Latina.

Uma breve revisão da fortuna crítica

Consideradas, na seção anterior, as particularidades temáticas da obra principal de Lara de Lemos, convém agora entender não apenas o alcance e a dimensão da fortuna crítica de *Inventário do medo*, como também indicar e perceber certas lacunas presentes nas leituras realizadas, desde o seu lançamento, em 1997, até a atualidade, período em que se intensificaram os estudos culturais e há uma retomada da temática referente à ditadura civil-militar e seus desdobramentos na sociedade brasileira.

O artigo “Lara de Lemos: o tenso rememorar da ditadura”, publicado na revista *Graphos* por Kátia da Costa Bezerra, em 2004, analisa a obra *Inventário do medo*, destacando a barbárie da ditadura militar no Brasil. A ensaísta sustenta que a política de esquecimento e a amnésia social são marcas e projetos de regimes autoritários, como o que imperou no Brasil entre 1964 e 1985. Alinhado a essa perspectiva, Márcio Seligmann-Silva, em seu artigo “*O local do testemunho*” (2010), argumenta que os testemunhos foram suprimidos pela política de esquecimento, relegando as vítimas – defensoras da verdade, da memória e da justiça – a um plano secundário. O artigo de Kátia Bezerra, embora destaque aspectos históricos dos anos de chumbo, privilegia a análise de aspectos estéticos da obra de Lara de Lemos.

Da primeira parte do livro, que aborda o momento da invasão da casa da poeta, Kátia Bezerra analisa o poema de abertura, “De súbito é o susto”, mostrando como a voz poética utiliza recursos como vogais fechadas e aliteraões, para encenar a atmosfera opressiva e sombria que se vincula à experiência de medo e dor dos prisioneiros durante uma invasão. Da segunda parte, intitulada “Tempos de inquisição”, Kátia Bezerra concentra-se nos poemas que remetem ao interrogatório e à notificação dos prisioneiros. Essas composições usam um vocabulário que faz referência aos métodos da Inquisição,

estabelecendo um paralelo entre essa época e a ditadura militar no Brasil, ao mesmo tempo em que adotam uma linguagem que lembra um manual de instruções. Em “Celas”, terceira parte da obra, Kátia Bezerra evidencia como Lara de Lemos explora a experiência do encarceramento e seus efeitos, abordando temas como tortura, medo, fome e isolamento. Os poemas numerados de acordo com o período de prisão destacam a importância da memória como uma ferramenta de resistência contra a desumanização da tortura. Por fim, a última parte do livro, com nove poemas, segundo a pesquisadora, elabora uma espécie de genealogia de vítimas de perseguições políticas, injustiças e perfídias. Esses poemas dedicados a figuras históricas dão a ver a urgência de verbalizar a dor e a revolta como parte da história. A voz poética faz uma conexão clara entre o governo de exceção no Brasil e outros momentos históricos em todo o mundo, unindo indivíduos que compartilham experiências de dor e injustiça. Kátia Bezerra conclui que o livro *Inventário do Medo* cria laços de cumplicidade e solidariedade entre poeta e leitor, laços que envolvem dor, revolta, ódio, medo e isolamento, no contexto desse período sombrio da história do Brasil.

Em 2013, no XIII Congresso Internacional da ABRALIC, Igor Rossoni e Évila Ferreira de Oliveira apresentaram o trabalho “O testemunho como ato literário: Charlotte Delbo (França) e Lara de Lemos (Brasil)”. Os autores realizam uma análise comparativa, com o objetivo de examinar como o testemunho literário consegue equilibrar as dimensões estéticas e éticas, seja no contexto da América Latina, seja no contexto europeu. Lara de Lemos exemplificaria uma lírica intimista que, no entanto, incorporaria com intensidade questões político-sociais. Já Charlotte Delbo teria uma dicção mais objetiva e narrativa em seu testemunho. Lara de Lemos expressaria a dor de forma aparentemente contraditória: haveria um impacto que vibra com a dor gestada no silêncio. Os autores analisam o

poema “Celas – 4”, no qual a poesia, vista como uma mensageira capaz de transcender os limites do corpo, é pensada como testemunho e expressão das experiências traumáticas da história. Mais ainda, o poema transcenderia a função tradicional de testemunhar, transitando do *testis* ao *superstes*, alguém que não apenas viveria o trauma, mas sobreviveria a ele: resistiria, persistiria.

Em 2015, Cristiano Augusto da Silva publicou o artigo “Poesia de testemunho e a luta por direitos humanos”, síntese de seu pós-doutorado sobre a poesia de resistência à ditadura civil-militar no Brasil de 1964 a 1985. O autor analisou aspectos textuais, contexto de produção, recepção crítica e formas de circulação, e destacou a escassez de estudos sobre essa poesia e sobre a bibliografia primária de testemunho. A pesquisa observou que os poetas enfrentaram desafios de publicação e distribuição devido à censura, optando muitas vezes por meios alternativos. Mesmo após a reabertura política em 1985, essa produção continuou negligenciada pelas grandes editoras, provavelmente devido ao seu apelo limitado no mercado e à relutância da sociedade em lidar com traumas coletivos. Em resumo, a poesia de resistência desenvolver-se-ia fora dos circuitos literários tradicionais, sendo representada por poetas desconhecidos e desvinculados de movimentos literários.

O texto ainda destaca a crescente importância do testemunho e outras formas similares na segunda metade do século XX, que levaram a teoria da literatura a reexaminar seus métodos e a expandir seu escopo de análise. No entanto, aponta que a crítica literária brasileira recente tem negligenciado a relação entre testemunho e poesia, apesar do forte vínculo entre a poesia contemporânea brasileira e a literatura de testemunho, especialmente relacionada à ditadura militar. A falta de atenção à poesia testemunhal é atribuída à natureza subjetiva da poesia lírica, em geral, avessa ao paradigma testemunhal.

Na análise de “Celas-23”, Cristiano Silva

aborda o corpo torturado, um delicado tema de imensa relevância na literatura de testemunho – e não só nesta. A análise destaca o duplo impacto da violência no corpo e na identidade do indivíduo. A poesia de resistência contribui para uma compreensão, ainda que dolorida, mais profunda da violência, incluindo a tortura e seus efeitos sobre o indivíduo e a sociedade.

Em 2019, Cinara Ferreira, que entrevistou a poeta e compilou sua poesia completa, publicou o artigo “A memória dos anos de chumbo em Inventário do medo, de Lara de Lemos”, na revista *Diadorim*. A autora destaca como a obra de Lara de Lemos transcende a mera expressão de sua experiência pessoal em relação à prisão durante a ditadura militar brasileira. A poeta conectaria essa experiência pessoal com a vivência de seus contemporâneos, o que conferiria à sua poesia um caráter profundamente social e universal.

Cinara Ferreira faz uma síntese da vida e obra de Lara de Lemos, destacando sua notável sensibilidade e aguda crítica para questões sociais da época, conduta que a levou a enfrentar a repressão durante a ditadura militar no Brasil, na década de 1970. A pesquisadora recorda que a poeta foi presa duas vezes, que seu marido também foi detido e que seus dois filhos enfrentaram o mesmo destino. Evidencia, também, que Lara de Lemos não é apenas reconhecida por importantes críticos literários, mas também ganhou notoriedade por sua colaboração na composição do “Hino da Legalidade”, em 1961, em apoio ao movimento pela posse de João Goulart e a sua participação no Comitê de Resistência Democrática dos Intelectuais, durante a década de 1960.

Cinara Ferreira detém-se, então, na obra *Inventário do medo* (1997), descrita como uma representação artística da experiência de prisão da autora e de seus contemporâneos, tornando-a social e universal. A autora destaca que o livro é dividido em quatro partes que descrevem

diferentes aspectos dessa experiência. O poema “De súbito é o susto” exemplificaria o tom de denúncia na obra. A análise de Ferreira, em resumo, entrecruza aspectos estéticos, biográficos e históricos, demonstrando a indissociabilidade entre eles.

Évila Ferreira, em 2016, retorna ao estudo comparativo, com “Auschwitz e os anos de chumbo: resistência e testemunho na escrita de Charlotte Delbo e Lara de Lemos”, tendo no horizonte os contextos da Segunda Guerra Mundial e da Ditadura Civil-Militar no Brasil, mostrando como ambas as autoras testemunharam situações traumáticas e resistiram por meio da escrita. Évila Ferreira foca em *Inventário do medo*, obra estruturada em capítulos que refletiriam diferentes estágios da experiência da autora, desde a invasão de sua casa até a prisão e a subsequente resistência. A linearidade temporal seria enfatizada pelos títulos dos capítulos, que funcionariam como marcadores dos eventos. No entanto, a ambiguidade persistiria, por exemplo, no capítulo “Celas”, que consiste em poemas com o mesmo nome, numerados de 1 a 24, mas que não indicam com precisão se representam 24 celas, 24 dias ou 24 meses de aprisionamento. A poesia de Lara de Lemos também seria solidária, homenageando mártires e usando o pronome “nós”, em vez de “eu”, afirmando uma voz coletiva que representaria todos aqueles que sofreram nas mãos da violência de Estado.

Para a autora, a obra de Lara de Lemos é considerada um testemunho de seu tempo, envolvendo questões femininas, sociais e políticas – as quais, contudo, estender-se-iam ao tempo presente. A despeito da ordem linear na disposição dos capítulos, o tempo na voz lírica seria marcado pelas circunstâncias do cotidiano na prisão, como fome, sede e deslocamentos para interrogatórios ou torturas. Évila Ferreira faz uma análise mais aprofundada do poema “Celas - 6”, em que haveria um sofrimento intenso. Ela cita a entrevista concedida pela poeta a Cinara Ferreira (2009), na qual relata o horror

das prisões, dando ênfase ao uso do capuz e as sensações de medo, de privação sensorial e de desorientação que ele causava. De forma similar, o poema transmitiria uma atmosfera de desconforto e angústia, com ênfase na importância dos sentidos do tato e do olfato quando da ausência de visão. O uso do advérbio “mais”, nos versos “a hora dos / capuzes negros / é a hora mais negra”, intensificaria a sensação de medo. A pesquisadora destaca também a imagem de escadas, paredes e superfícies escorregadias que evocariam a dificuldade de navegar por esse ambiente hostil. O poema, de base sinestésica, revelaria não apenas a dor física, mas também a dor moral e psicológica sofrida pelos prisioneiros, incluindo a depressão e o desejo de escapar do próprio corpo como uma forma de aniquilamento.

Segundo a autora, em uma situação de resistência, há aqueles que se opõem de maneira ativa, com armas, bem como aqueles que escolhem uma abordagem passiva, utilizando ideias. A atitude de resistir pode se manifestar de maneira visível, por meio de confronto direto, ou de maneira mais subjetiva, por meio de uma persuasão argumentativa, por exemplo. De qualquer forma, isso traduz-se na habilidade do indivíduo de enfrentar uma situação extrema, valendo-se de toda a sua força interior para sobreviver, enquanto mantém o equilíbrio emocional e mental. A obra de Lara de Lemos é considerada, assim, uma denúncia corajosa e uma representação das experiências pessoais e coletivas durante a Ditadura, afirmando-se como um testemunho exemplar da história compartilhada por muitos. Évila Ferreira também se apropria de reflexões de Theodor Adorno sobre a poesia lírica, a qual, na contramão do que crê o senso comum, pode funcionar como uma forma de protesto contra um estado social opressivo, hostil e alheio.

Évila Ferreira afirma que o testemunho de Lara de Lemos vai além do testemunho como “testis”, que se baseia em provas e evidências, pois incorpora a ideia de testemunha que não

apenas observa, mas também vivencia os eventos de forma simultânea, envolvendo tanto o olho quanto o corpo. O artigo aponta que os suplícios dentro dos presídios não se limitam à tortura durante interrogatórios, mas podem incluir motivações subjetivas, como medo, falsas acusações e punições por privação de alimento e água. O ensaio confirma como a tortura foi uma prática sistemática e rotineira durante a ditadura civil-militar no Brasil. Os métodos de interrogatório guardavam semelhanças com aqueles usados pela Inquisição medieval, incluindo a delação e a aceitação de delações anônimas. O testemunho de Lara de Lemos é considerado uma denúncia contemporânea, buscando justiça e questionando a narrativa oficial.

Em 2022, Nelson Martinelli Filho publicou o artigo “Memória, esquecimento e tortura em *La Jetée* e *On vous parle du Brésil*, de Chris Marker, e na poesia de presos políticos no Brasil”, no qual abordou o tema da escrita poética como forma de resistência em um contexto de violência e autoritarismo, tomando como exemplo o livro *Inventário do medo* (1997), de Lara de Lemos. O ensaísta analisa “Da resistência” para mostrar como Lara de Lemos utiliza a poesia para expressar a dureza da luta contra o autoritarismo e destaca o papel da literatura produzida por indivíduos encarcerados em contextos hostis. A poesia, para o autor, é uma maneira de dar linguagem ao indizível, àquilo que escapa à capacidade física e psíquica de ser expresso de outra forma. Ela permite que os autores expressem o inexprimível e testemunhem os horrores que vivenciaram. Martinelli discute o papel do testemunho na literatura, não apenas no sentido jurídico, mas também como uma forma de dar voz àqueles que foram silenciados pela repressão. A posição de testemunha implica ouvir e transmitir a história do outro, garantindo a permanência da memória das vítimas, mesmo quando a história oficial tenta apagá-la. O testemunho atua como uma forma de conservar o rastro da violência e da resistência, que

corre o risco constante de ser apagado. Assim, a poesia age como uma “memória impedida” que impede o esquecimento das atrocidades vividas. Ela possibilita transmitir o testemunho das experiências na prisão, inclusive daqueles que não sobreviveram a ela.

Posteriormente, em 2023, no livro *Poesia e cárcere político: leituras e análises*, Marcelo Ferraz e Nelson Martinelli Filho reúnem poemas brasileiros nos quais a experiência do cárcere político aparece como tema. Entre os poemas reunidos, três fazem parte da obra *Inventário do medo*. O primeiro, “Caçada”, foi analisado por Sâmella Priscila Ferreira Almeida. Em sua abordagem, ela destaca que o texto contextualiza o cenário político da época, evidenciando que a repressão não se limitava aos guerrilheiros, mas também atingiu uma ampla gama de pessoas, incluindo religiosos, líderes sindicais, dissidentes militares, intelectuais e artistas críticos. Na sua visão, a divisão do livro em quatro partes, cada uma com seu tema específico, permite uma exploração profunda das diferentes facetas desse período sombrio da história brasileira. O trecho estudado concentra-se no poema “Caçada”, que integra a quarta parte do livro, “Reminiscências”. Nesse poema, a autora registra a experiência de testemunhar a prisão de seu filho e a impotência diante da ação violenta do Estado. A análise destaca o uso de linguagem poética para expressar a violência e a brutalidade do regime, assim como a representação da mãe como uma figura impotente e, ao mesmo tempo, feroz na tentativa de salvar seu filho. A palavra “caçada” sugere não apenas a perseguição aos indivíduos como animais, mas igualmente a transformação da mãe em uma “fera” determinada a resgatar seu filho. Além disso, o texto ressalta o poder das palavras na poesia de Lara de Lemos, que servem como um “escudo de venenos e ódios” para enfrentar a violência do regime. A autora não concede espaço à anistia ou ao perdão, escolhendo palavras que apunhalam em vez de matar.

No segundo poema da coletânea, “Celas-13”, Flavia Rangel Pimenta Castellone destaca a capacidade da linguagem concisa da autora diante da complexidade de expressão, em palavras, do horror vivenciado no cárcere político, nas prisões, na tortura e no medo durante o período ditatorial. A obra ressalta a impossibilidade de traduzir a morte e o sofrimento, conduzindo a uma reflexão sobre a palavra como um signo ideológico insuficiente para traduzir a dor inexprimível. O texto traz um exemplo do poema “Celas-13”, no qual Lara de Lemos expressa, com poucas palavras, a visão de esperança dentro da prisão ao vislumbrar o céu, representando a vida e a liberdade. A análise destaca a resistência e a persistência da esperança, apesar da terrível realidade do cárcere. Mesmo em condições extremas, a vida continua a existir, sinalizando a teimosia e a resistência, assim como a sobrevivência física e psicológica em meio ao caos. Com uma referência a Graciliano Ramos, a autora ilustra as condições desumanas dos encarcerados. Aponta também a importância de compreender e lembrar o passado, associando-o ao presente, citando o cenário atual das prisões brasileiras, o ressentimento social e a violência policial, enfatizando a necessidade de manter viva a memória. A obra de Lara de Lemos é apresentada como uma expressão artística poderosa capaz de registrar o passado e alertar para o presente, onde as palavras procuram representar o indescritível. O texto finaliza com uma reflexão sobre a arte como uma ferramenta capaz de transmitir aquilo que é intraduzível, mesmo que as palavras sejam insuficientes e específicas para descrever a profundidade da experiência humana. Por fim, evidencia a relevância da arte como uma tentativa incessante de capturar, dentro das limitações linguísticas, a complexidade do indizível.

Por último, temos o poema “Da tortura”, em que Alef Ribeiro Alves analisa o contexto da tortura durante o período da ditadura militar no Brasil, com destaque para a abordagem do

tema por meio de textos da psicanalista Maria Rita Kehl e da poeta Lara de Lemos. Enfatiza a importância de compreender a brutalidade da tortura praticada pelo Estado nesse período histórico e como a sociedade parece ter esquecido ou reprimido essas violências. É explorada a voz poética da Lara de Lemos, que testemunhou as crueldades da tortura, principalmente sob a óptica das mulheres vítimas, destacando os relatos de abusos específicos de gênero: choques vaginais, estupros, ameaças e outras formas de violência misógina perpetradas pelos agentes do regime. A análise ressalta a diversidade de experiências dessas mulheres e a importância de seus relatos como testemunhos de um tempo obscuro e repressivo da história brasileira. Enfatiza também a contribuição da poesia de Lara de Lemos como uma forma de resistência e testemunho diante da tortura. Destaca como uma poeta, por meio de uma expressão artística, conseguiu lidar com o trauma e organizar as experiências vívidas sem narrar os fatos de maneira literal, mas por meio de recursos poéticos que buscam capturar a essência do sofrimento e da desumanização. A análise do poema “Da Tortura” destaca a estrutura do texto, enfocando a sonoridade, as rimas e a linguagem polimétrica para expressar a violência imposta às vítimas. São considerados detalhes intrínsecos ao poema que ressaltam a fragilidade das provas contra os prisioneiros e o *modus operandi* dos aparelhos estatais, destacando a rotina de violência em um sistema de tortura implacável, onde a culpa já está pré-estabelecida. Assim, ao explorar a temática da tortura nos textos de Lara de Lemos, o ensaio permite uma análise aprofundada da violência sofrida durante a ditadura militar e da importância da arte e da poesia como meios de resistência e testemunho em tempos tão obscuros.

As análises existentes sobre a obra de Lara de Lemos concentram-se, em grande medida, na dimensão política e social da obra e enfatizam seu papel como testemunho da ditadura

militar brasileira. A perspectiva da Estética da Recepção, sobretudo a partir de Hans Robert Jauss, permite compreender que a significação de uma obra não é estática, mas se constitui historicamente no encontro entre texto e leitor. Cada leitura é condicionada por um horizonte de expectativas específico, que determina quais aspectos do texto serão destacados, silenciados ou atualizados. Assim, investigar a fortuna crítica de *Inventário do medo* implica também examinar como diferentes contextos históricos moldaram a forma como a obra foi lida desde 1997.

À luz dessa perspectiva, percebe-se que a recepção inicial da obra ocorreu em um momento marcado pela chamada política de conciliação e esquecimento em relação à ditadura civil-militar. O horizonte de expectativas dos anos 1990 não favorecia leituras centradas na memória traumática, nem havia forte demanda por narrativas de testemunho. Isso ajuda a explicar a circulação restrita do livro e o número reduzido de estudos acadêmicos sobre a obra naquele período.

Nas décadas posteriores, porém, com o avanço dos estudos de trauma, das discussões sobre violência de Estado e da revisão crítica da memória social brasileira, o horizonte de expectativas transformou-se. Leitores e críticos passaram a reconhecer *Inventário do medo* como um testemunho poético fundamental do período ditatorial, o que ampliou a visibilidade da obra e intensificou seu valor estético, histórico e político. A fortuna crítica recente revela esse deslocamento interpretativo.

A partir dessa abordagem, torna-se evidente que a fortuna crítica ainda apresenta lacunas, especialmente no que diz respeito à análise das dimensões psicológicas, estéticas, formais, comparativas e a recepção do texto lido. A predominância de leituras centradas na função documental e na denúncia política indica um horizonte crítico limitado. A exploração dessas

lacunas pode enriquecer significativamente a compreensão da obra de Lara de Lemos e seu lugar na narrativa cultural brasileira.

Considerações finais

A fortuna crítica de *Inventário do Medo* apresenta contribuições importantes, sobretudo ao enfatizar seu caráter político e testemunhal no contexto da ditadura militar, mas ainda revela lacunas significativas que demandam aprofundamento. As análises existentes pouco exploram as complexidades psicológicas da personagem poética, como emoções e traumas, aspectos fundamentais para compreender o impacto individual e coletivo da violência de Estado. Também são escassas as comparações sistemáticas com obras contemporâneas, bem como estudos mais detalhados sobre influências literárias, recursos estilísticos, métrica e escolhas vocabulares de Lara de Lemos. Contudo, a principal brecha crítica é a ausência de uma abordagem orientada pela Estética da Recepção: falta investigar como o livro foi recebido pela crítica e pelo público no momento da publicação, como esse horizonte de expectativas modificou-se ao longo do tempo e de que modo a obra interpela o leitor, exigindo dele uma posição ética diante da representação do medo, da censura e da tortura.

Nesse sentido, as reflexões de Jaime Ginzburg, em *Crítica em tempos de violência*, oferecem um importante aporte para compreender a urgência desse debate. O autor oferece uma visão crítica sobre os traumas fundamentais que marcaram a sociedade brasileira. Ginzburg destaca o impacto histórico da exploração colonial e da crueldade da escravidão, ressaltando que somos herdeiros dessas experiências dolorosas, cujas consequências reverberam intensamente no presente (Ginzburg, 2012, p. 473). No entanto, há uma complexidade ao abordar a questão da tortura no Brasil, pois há uma falta de consenso ético entre os jovens universitários de que a tortura deve ser eliminada, além de

um desinteresse em assumir posicionamentos diante desse tema delicado. Em razão disso, o histórico brasileiro, marcado pelos traumas da violência exploratória colonial e da crueldade da escravidão, proporcionou uma base propícia para a instalação e permanência de regimes autoritários no período republicano

As reflexões provocativas de Ginzburg sobre como representar o irrepresentável e a necessidade de a literatura revisar sua relação com a linguagem, conforme proposto por Adorno (1957), ressoam como um apelo à compreensão mais profunda das narrativas e poemas que envolvem dor e trauma. A ausência do impacto da descrição desses eventos como trauma coletivo indica a importância crucial de provocar perplexidade para evitar a banalização (Ginzburg, 2012, p. 474-475). A conclusão assertiva de Ginzburg sobre a importância da literatura na consciência social, especialmente na preservação do impacto da violência profunda vivida por aqueles afetados pela tortura, reforça a necessidade urgente de não apagar da memória coletiva as referências à tortura, evitando a banalização e a subestimação do seu impacto. O esquecimento, nesse contexto, é considerado uma catástrofe coletiva.

Referências

- ADORNO, Theodor (2003). **Palestra sobre lírica e sociedade**, Notas de literatura I. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34.
- BEZERRA, Kátia. **Lara de Lemos: o tenso re-memorar da ditadura militar no Brasil**. Revista de Pós-Graduação em Letras, UFPB, Vol 6, n. 2/1, p.85-94, Jun-Dez 2004.
- FEDERICI, Silvia. **Calibá e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2004.
- FERREIRA, Cinara. **A memória dos anos de chumbo em Inventário do medo**. Revista de Pós-Graduação em Letras da UFRJ, Diadorim, RJ, 2008/2009.
- FERREIRA, Cinara. **Entrevista com Lara de Lemos**. Organon, Porto Alegre, v. 34, n. 67, p. 1-9, 2019. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/99360>. Acesso em: 02 abr. 2023.
- FILHO, Nelson; FERRAZ, Marcelo. **Poesia e cárcere político: leituras e análises**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.
- FILHO, Nelson. **Memória, esquecimento e tortura em La Jetée e On vous parle du Brésil, de Chris Marker, e na poesia de presos políticos no Brasil**. Letras de hoje Porto Alegre, ES, v. 57, n. 1, p. 1-15, jan.-dez. 2022.
- GINZBURG, Jaime. **Crítica em tempos de violência**. São Paulo, Fapesp, 2012.
- JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994
- JUTGLA, Cristiano. **Poesia de resistência e a luta por Direitos Humanos**. Via Atlântica, São Paulo, N.28, Dez/2015.
- LE MOS, Lara. **Inventário do medo**. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1997.
- NEU, Daniela Damaris; RODRIGUES, Inara de Oliveira. **História e sociedade na lírica de Lara de Lemos**. Disc. Scientia. Série: Ciências Naturais e Tecnológicas, S. Maria, v. 7, n. 1, p. 137-157, 2007.
- OLIVEIRA, Évila. **Auschwitz e os anos de chumbo: resistência e testemunho na escrita de Charlotte Delbo e Lara de Lemos**. Programa de pós-graduação em Literatura e Cultura, UFBA, BA, 2016.
- RAMOS, Graciliano. **Memórias do cárcere**. 17. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- ROSSONI, Igor; OLIVEIRA, Évila. **O testemunho como ato literário: Charlotte Delbo**

(França) e Lara de Lemos (Brasil). Congresso Internacional da ABRALIC, UEPB, PB, 2013.

SANTOS, Volnyr. **Lara de Lemos: antologia poética.** Rio Grande do Sul, 2002.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O local do testemunho.** Tempo e argumento, revista do programa de pós-graduação em história, SC, pp. 11-18, jun. 2010.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura no Rio Grande do Sul.** 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

Submissão: abril de 2026

Aceite: agosto de 2026.